

A XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas: observações na perspectiva de ações concretas pela unidade e reconciliação do mundo

The 11th Assembly of the World Council of Churches: observations in the perspective of concrete actions for the unity and reconciliation of the world

Elias Wolff¹

Resumo

A XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), realizada em Karlsruhe, Alemanha, de 31 de agosto a 8 de setembro, de 2022, teve como tema central *O amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade*. O objetivo deste artigo é apresentar impressões da assembleia, a partir da atuação na área denominada *Brunnen*, setor de exposição dos trabalhos de igrejas e organizações da sociedade civil. O método utilizado é mais descritivo do que analítico, num tom testemunhal de quem teve a possibilidade de participar de momentos significativos da assembleia do CMI em Karlsruhe e sentiu-se impactado pela relevância do evento. A conclusão é que a assembleia foi uma reafirmação do compromisso que as igrejas-membro do CMI tem com a causa ecumênica e, por ela, com a reconciliação e unidade na fé cristã e na construção da fraternidade humana universal.

Palavras-chave

Conselho Mundial de Igrejas. Reconciliação. Unidade. Sociedade. Criação.

Abstract

The 11th Assembly of the World Council of Churches (WCC), held in Karlsruhe, Germany, from August 31 to September 8, 2022, had as its central theme *Christ's love moves the world to reconciliation and unity*. The objective of this article is to present impressions of the assembly, based on the performance in the area called *Brunnen*, a sector of exhibition of the work of churches and civil society organizations. The method used is more descriptive than analytical, in a testimonial tone of those who had the opportunity to participate in significant moments of the WCC assembly in Karlsruhe and felt impacted by the relevance of the event. The conclusion is that the assembly was a reaffirmation of the commitment that the WCC member churches have with the ecumenical cause and, through it, with reconciliation and unity in the Christian faith and in the construction of universal human fraternity.

Keywords

World Council of Churches. Reconciliation. Unit. Society. Creation.

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università della Santa Croce (PUSC). Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Pós-doutorado em Teologia na Lutheran School of Theology at Chicago (LSTC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: p.eliaswolff@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Conselho Mundial de Igrejas é uma organização ecumênica criada em 1948, em Amsterdã, Holanda, com a finalidade de promover o diálogo entre as igrejas-membro, em vista de alcançar a unidade na fé e o testemunho comum do Evangelho no mundo. Atualmente, 352 igrejas são membros do CMI, presentes em mais de 120 países e representando cerca de 580 milhões de cristãos e cristãs nas diferentes tradições eclesiais. Em sua “visão”, o CMI entende-se como “um instrumento pelo qual as igrejas testemunham juntas a sua fidelidade comum a Jesus Cristo, buscam a unidade que Cristo deseja para sua Igreja e cooperam em assuntos que exigem declarações e ações comuns” (WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2022b, tradução nossa).² Como membros dos CMI, as igrejas: entendem-se chamadas ao objetivo da unidade visível em uma fé e uma comunhão eucarística; estão disponíveis a promover o seu testemunho comum no trabalho missionário e evangelizador; engajam-se no serviço cristão atendendo as necessidades humanas, derrubando barreiras entre as pessoas, buscando justiça e paz e defendendo a integridade da criação; promovem a renovação na unidade, adoração, missão e serviço. Esses compromissos comuns são sustentados por uma base teológica comum na qual as igrejas afirmam que os elementos primários da fé, no Deus uno e trino, uma concepção comum de missão e Igreja, mesmo em sentido amplo, fortalece o testemunho comum do Evangelho e permite avançar no diálogo sobre questões teológicas nas quais ainda existem divergências. E assim, a XI assembleia do CMI, realizada em Karlsruhe (Alemanha) de 31 de agosto a 8 de setembro de 2022, cumpriu três principais funções.

A primeira, celebrar e reafirmar o compromisso ecumênico das igrejas-membro e das organizações ecumênicas que tem vínculo direto com o CMI. Esse compromisso implica na afirmação da fé cristã, sobre a qual se fundamenta a unidade buscada. Essa afirmação acontece tanto pelas celebrações, quanto pelas reflexões, os estudos e a convivência. O tema central da assembleia busca expressar isso, orientando tudo o que acontece na assembleia. Para Karlsruhe, foi escolhido como tema *O amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade*.

A segunda, comunicar às igrejas-membro as atividades do CMI desde a última assembleia, realizada em Busan (Coreia do Sul), em 2013. Essa comunicação é importante para que as igrejas tenham ciência dos passos dados na busca da unidade, reflitam sobre seus obstáculos, desafios e possibilidade, e retomem a caminhada com novo vigor.

Por fim, tomar decisões sobre a continuidade futura dos projetos do CMI, seus programas de ação e pessoas responsáveis por eles, confirmadas ou trocadas (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 3-6).

² “[...] an instrument whereby the churches bear witness together in their common allegiance to Jesus Christ, search for the unity which Christ wills for his church, and co-operate in matters which require common statements and actions” (WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2022b).

1 O CONTEXTO DA XI ASSEMBLEIA DO CMI EM KARLSRUHE

Ao longo dos 74 anos de história do CMI, é a segunda vez que realiza uma assembleia no continente europeu (a primeira foi em Upsala, Suécia, em 1968). Ela acontece num momento em que o mundo todo está sentindo sinais de superação da grave situação pandêmica da COVID-19, que flagelou a humanidade com cerca de 6,45 milhões de mortes em todo o mundo desde seu início, no final do ano 2019, na China (ESTADÃO CONTEÚDO, 2022). A pandemia causou imensa perplexidade, angústia e incerteza acerca do futuro da humanidade. Questionou convicções de fé e os valores humanos, elementos que sustentam o sentido da vida das pessoas e dos povos. Mas também chamou para um repensamento sobre o estilo de vida que a humanidade leva hoje, apontando a necessidade de rever os princípios, valores e opções, o que em nossos tempos acontece direcionado pela lógica do mercado globalizado. Frente às consequências de exclusão que essa lógica produz, as igrejas precisam fazer uma contracorrente que reafirme compromissos por uma vida solidária.

Outro elemento contextual da XI assembleia do CMI foi a degradação do meio ambiente, que apresenta graves questões que ameaçam a vida da humanidade e da criação como o desmatamento, a perda da biodiversidade, a poluição das águas, e as consequentes mudanças climáticas e o aquecimento global, entre outros. A atual crise ecológica é crise do sistema integral da vida planetária, com desequilíbrio de seus subsistemas que vão da devastação das matas até a expansão das neuroses, da poluição das águas até o sentimento niilista na vida humana. Essa crise é expressão da crise humana, é crise da civilização, sobretudo ocidental. A XI assembleia do CMI entendeu que os problemas ambientais e a crise ecológica são o resultado de relações sociais distorcidas. E se propõe a contribuir para um reordenamento dessas relações e um reordenamento da relação do ser humano com a natureza como um todo, condição para a continuidade da espécie humana no planeta.

No âmbito social, a humanidade sofre com o racismo, a discriminação de gênero, a xenofobia, a pobreza e a fome, e tantas outras formas de injustiça. E a assembleia em Karlsruhe acontece durante uma guerra da Rússia com a Ucrânia – que, até a data de sua realização, somava cerca de 200 dias, com milhares de mortes. Isso afeta as igrejas e teve implicações nas discussões dos temas abordados na assembleia, como verificado na sessão plenária do dia 2 de agosto, quando tratou sobre o tema *Europa: além do colonialismo e da guerra: rumo à solidariedade, hospitalidade e paz*, ocasião em que foi concedido significativo espaço para a Igreja ortodoxa da Ucrânia. As relações entre esta Igreja e a Igreja ortodoxa russa são impactadas diretamente pelas consequências da guerra, e interpelam todas as demais igrejas na busca de caminhos para a reconciliação entre os dois países.

No âmbito religioso, o pluralismo de tradições de fé apresenta ricas possibilidades de intercâmbio e enriquecimento mútuo na compreensão do Mistério que envolve a existência dos seres humanos e de toda realidade. Mas aí também se manifestam tensões e conflitos, que nem sempre possibilitam que esse intercâmbio e enriquecimento aconteçam. A assembleia que

propõe encontro e diálogo sente-se desafiada pelas manifestações de fundamentalismo e absolutismo exclusivista que fragilizam as relações entre igrejas, religiões e espiritualidades.

Esse é o contexto no qual o CMI realizou a sua XI assembleia. As conferências em plenário, os estudos em grupos, as atividades práticas, os momentos litúrgicos, e tudo o que forma a vida da assembleia, buscou situar as igrejas nesse contexto, lançando luzes para iluminar as questões que daí emergem na perspectiva da fé cristã. E teve como resultado fortalecer ainda mais a convicção de que somente estando juntas, unidas, as igrejas poderão dar uma significativa contribuição para a superação dos males que a humanidade hoje enfrenta.

2 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

O CMI tem uma estrutura composta pela *assembleia*, que acontece em média a cada oito anos, como o órgão de decisão maior sobre os programas de ação e eleição para cargos específicos; o *Comitê Central*, composto por 150 pessoas eleitas pela assembleia entre seus delegados e atua como o principal órgão de governo do CMI, responsável por executar as políticas adotadas pela assembleia, supervisionar os programas do CMI e adotar o orçamento do CMI; o *Comitê Executivo*, com 20 membros do Comitê Central, que se reúne duas vezes por ano para execução de tarefas; o *secretário-geral*, que atua com a autoridade de diretor executivo frente aos trabalhos do CMI, incluindo a responsabilidade final pelo trabalho do conselho e sua equipe, e para falar em nome do CMI; *presidentes regionais e líderes do Comitê Central*; e *órgãos ecumênicos* relacionados ao CMI, que são organizações formadas por igrejas que desempenham um papel vital na vida do movimento ecumênico como um todo. Com essa estrutura, o CMI quer expressar “sua identidade de confraternização de igrejas, organizada para ser instrumento de peregrinação rumo à unidade” (WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2022a, tradução nossa).³

Nessa estrutura organizacional, as assembleias ganham um destaque particular, por ser o espaço maior para a tomada de decisões, a revisão dos programas de ação, a organização interna e a relação com as igrejas-membro, outras igrejas, as religiões e a sociedade. A assembleia é “uma expressão do CMI como uma comunidade de igrejas membros que trabalham juntas no marco do movimento ecumênico único para melhorar a colaboração em áreas da justiça, da paz, da reconciliação e da unidade.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 10, tradução nossa).⁴ Trata-se de um evento único e privilegiado para o encontro e o diálogo entre as igrejas que buscam reafirmar o compromisso de viver e fortalecer a unidade, consultando-se reciprocamente sobre o modo de fazê-lo. Desde sua fundação, em 1948, em Amsterdã, toda assembleia do CMI impressiona pela capacidade de reunir milhares de pessoas para celebrar e

³ “[...] its identity as a fellowship of churches, organized in order to be an instrument for the pilgrimage towards unity” (WORLD COUNCIL OF CHURCHES, 2022a).

⁴ “[...] una expresión del CMI como una comunidade de iglesias miembros que trabajan juntas en el marco del movimiento ecuménico único para mejorar la colaboración en áreas de la justicia, la paz, la reconciliación y la unidad.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 10).

fortalecer a comunhão cristã, rezar e estudar juntos, partilhar desafios, incertezas e esperanças sobre a vida do mundo e das igrejas. “Uma reunião com representantes de tantas culturas e tradições religiosas diversas constitui uma experiência única da abundância dos dons e a graça de Deus em nós.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 7, tradução nossa).⁵ A finalidade da assembleia é rever a caminhada ecumênica de modo contextualizada aos tempos que se sucedem.

3 CATEGORIAS DE PARTICIPANTES DA ASSEMBLEIA

São muitas as formas de participar de uma assembleia do CMI, atuando diretamente como delegado(a) das igrejas-membro, ou como representantes de organizações ecumênicas e da sociedade civil, ou mesmo apenas como visitante que passa algumas horas pela área onde a assembleia acontece. Numa ou noutra forma, pode-se experimentar o clima do diálogo, da convivência fraterna, do intercâmbio enriquecedor que uma assembleia do CMI proporciona.

O artigo IV do regulamento do CMI prevê que as categorias de participação da assembleia sejam correspondentes à função específica de cada participante. A participação pode ser oficial, na forma de *delegado(a)* das igrejas-membro (em Karlsruhe somavam 760), com direito a voz e voto nas tomadas de decisões da assembleia; *moderadora* e *vice-moderadores* do Comitê Central e os *presidentes* do CMI, escolhidos na assembleia anterior (realizada em 2013), com direito a voz e, se forem também nomeados delegados de suas igrejas podem participar na tomada de decisões; *membros* do Comitê Central, muitos dos quais são delegados(as) das igrejas.

Há outras categorias de participantes oficiais, com direito a voz e voto, ou apenas a voz sem voto nas decisões: *representantes delegados*, membros de igrejas, organismos ecumênicos nacionais, regionais e internacionais, e ministérios específicos com relações de trabalho com o CMI; *observadores delegados*, nomeados pelas igrejas que não são membro do CMI, mas com as quais o CMI tem projetos comuns – como é o caso da Igreja católica e comunidades pentecostais; *assessores* da assembleia, convidadas pelo Comitê Central para contribuir com reflexões ou ações específicas da assembleia. Existem também formas de participação oficial da assembleia com direito a ouvir as seções plenárias, mas sem intervir e sem participar das tomadas de decisões. Tal é a condição dos *assessores das delegações* das igrejas-membros; dos *observadores* de organizações ecumênicas que têm relação com o CMI; e *convidados(as)*.

E há uma forma “não oficial” de participação, que acontece por quem participa individualmente ou como grupo (de igrejas, universidades, associações ecumênicas etc.). Em geral, esses não têm acesso às assembleias plenárias e às conversações ecumênicas, restringindo

⁵ “Una reunión con representantes de tantas culturas y tradiciones religiosas diversas constituye una experiencia única de la abundancia de los dones y la gracia de Dios entre nosotros.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 7).

sua presença e ação em seminários, manifestações culturais e outras atividades que acontecem paralelamente à assembleia.

Praticamente todo o mundo cristão está representado numa assembleia do CMI, mesmo as igrejas que não são membros podem aí se fazer presente, caso queiram. Pode-se imaginar o grande desafio para fazer com que cada participante possa usar o direito que lhe é devido, de voz, de voto, de influenciar nas decisões que são tomadas, enfim de ter alguma manifestação que contribua para com o desenvolvimento dos diversos temas abordados numa assembleia do CMI. Isso requer um significativo exercício de acolhida do modo de cada pessoa se expressar em seu idioma, sua cultura, sua tradição religiosa. Para evitar conflitos, o CMI tem um documento de política relacional, *Quando se rompe a solidariedade cristã*, que propõe diretrizes para promover a convivência pacífica e fraterna na comunidade da assembleia. E assim, o encontro, a reflexão, o diálogo e a oração, sem deixar de incluir os poucos momentos de lazer. Além disso, possibilitam deliberações sobre questões da vida das igrejas e da sua missão no mundo, orientando o futuro do movimento ecumênico e as iniciativas programáticas do conselho até a próxima assembleia.

4 A ORGANIZAÇÃO DO DIÁLOGO ECUMÊNICO EM KARLSRUHE

Tratando da vida das igrejas e do mundo, uma pluralidade de temas foi aprofundada ao longo dos nove dias da assembleia em Karlsruhe, nos diversos eventos que aconteceram e em diferentes níveis de reflexão, de decisão e de encaminhamentos. A assembleia tratou temas de natureza teológica – como a natureza da Igreja, os sacramentos e ministérios, a compreensão de unidade; e questões sociopastorais – como missão e o engajamento das igrejas nas questões culturais, políticas e ambientais. Na pluralidade temática, a assembleia buscou refletir sobre a fé cristã e sua vivência no mundo atual, aprofundando o testemunho comum na defesa da vida humana e da criação.

O conjunto temático da assembleia em Karlsruhe foi tratado principalmente pelas seis *seções plenárias*, divididas em três categorias: “gerais”, para momentos cerimoniais, atos públicos e alocações oficiais; de “informação” e debate sobre temas a serem discutidos; e “decisórias”, nos assuntos sobre os quais a assembleia precisou tomar alguma decisão. Além disso, teve cinco *seções plenárias temáticas*, expressando a experiência das igrejas, os desafios do mundo e o tema central da assembleia. Essas seções trataram sobre: o compromisso pelo cuidado da criação; a situação atual da Europa; a afirmação da integridade da vida; a afirmação da justiça e a dignidade humana; a unidade cristã e o testemunho comum das igrejas. Aconteceram, também, outras 23 *conversações ecumênicas*, que tinham como finalidade discutir questões que afetam a unidade, a missão e o testemunho de fé das igrejas, sobre as quais elas procuraram dar uma resposta durante a assembleia. As *conversações* trataram sobre temas teológicos, sociais e ambientais.

A XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas

Desse modo, buscou-se aprofundar o tema central da assembleia do CMI, expressando seu fundamento teológico, discernindo os sinais dos tempos e encorajando as igrejas a darem uma resposta evangelicamente profética aos desafios do mundo atual para a fé cristã (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 16). Pode-se imaginar o desafio metodológico para o bom andamento das seções plenárias, temáticas e conversações ecumênicas. O êxito do diálogo dependia de um encontro genuíno e comprometido entre os participantes. Nos momentos de tensão fazia-se necessário um apurado discernimento espiritual, buscando entender o modo como cada pessoa vive no mundo e o compreende. E então se podia melhor acolher a contribuição de cada participante da assembleia para as igrejas trabalharem juntas na promoção da justiça, da paz, da reconciliação e da unidade.

Na organização da assembleia em Karlsruhe não se pode deixar de mencionar o programa de *Brunnen*. Esta palavra da língua alemã significa “poço” e indica um espaço de encontro, partilha, descanso, onde as pessoas podem saciar a sede. Em torno ao “poço” as diferenças se encontram, com as especificidades que são oferecidas para o enriquecimento da comunhão. Ali cada pessoa expressa seus anseios, suas angústias, suas esperanças e seus valores. O poço é um lugar de fortalecimento mútuo, ampliando o horizonte de cada um(a) e as possibilidades de saciar a sede de “vida em abundância” (Jo 10,10). Assim, em Karlsruhe foi construída uma *área de exibição* onde diferentes organizações das igrejas, do movimento ecumênico e da sociedade civil puderam apresentar seus trabalhos, fazer seminários, criar redes de intercâmbio. Cabe destaque neste espaço a presença da Rede Ecumênica da Água brasileira (REDA-Brasil), que teve um *stand* em que apresentou ao mundo projetos de suas sete organizações-membro.

5 DESTAQUES TEMÁTICOS NA ASSEMBLEIA DO CMI EM KARLSRUHE

Sob o tema central *O amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade*, uma infinidade de temas pode ser abordada nas igrejas e na sociedade. Destacamos três horizontes que em Karlsruhe expressaram o pulsar da vida do CMI na atualidade.

5.1 A espiritualidade

A assembleia do CMI em Karlsruhe pode ser compreendida como “uma experiência espiritual de oração, encontro, reflexão e discernimento.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 12, tradução nossa).⁶ A espiritualidade se enraíza no tema central da assembleia, o amor de Deus que se revela em Cristo e conduz as igrejas e os povos à reconciliação e à unidade. As igrejas são chamadas a colocarem-se à disposição de Deus para que isso aconteça. E para que seu trabalho se realize na força da graça e do amor de Cristo é necessário um processo de conversão, de opções de fé e de perseverança. E a oração torna-se

⁶ “[...] una experiencia espiritual de oración, encuentro, reflexión y discernimiento.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 12).

um elemento fundamental para isso. Esse fato tem sintonia com o que afirma o decreto *Unitatis redintegratio*, do Concílio Vaticano II: “a oração é a alma do movimento ecumênico” (US 8).

Assim, os momentos mais sublimes da assembleia, em Karlsruhe, foram os litúrgicos. Havia três momentos diários de oração: de manhã, ao meio dia e no final da tarde. O fato de iniciar os trabalhos do dia com uma celebração dava uma direção espiritual para o programa diário da assembleia. O tom espiritual repercutia nas seções plenárias, nos trabalhos de grupo, nos encontros espontâneos, nas atividades realizadas na área de exposição – *Brunnen*. A forma como os momentos de oração eram conduzidos expressava a convicção de fé tanto de quem as dirigia, quanto de quem delas participavam. O Espírito a todos(as) unia no entoar dos hinos, na escuta das leituras bíblicas, das meditações, na visibilidade dos símbolos e dos gestos. Tudo envolvia os participantes da assembleia numa experiência profunda de oração e interiorização que os inspirava no amor de Deus que move à reconciliação e à unidade. A experiência individual relacionava cada pessoa com quem estava ao seu redor e com o mundo todo.

Além das liturgias, estudos bíblicos contribuíram de modo significativo para aprofundar os temas dos momentos de oração. Eles eram realizados nos *home groups*, formado por cerca de 30 pessoas, que se reuniram cinco vezes durante a assembleia, aprofundando o sentido de comunidade com pessoas de diferentes tradições eclesiais, contextos socioculturais, profissões e idades. Membros de diferentes igrejas davam um testemunho de unidade ao “ler a Bíblia juntos, partilhar pontos de vista das diferentes experiências e tradições religiosas, e discernir os sinais da graça de Deus nos textos, em nossas vidas e no mundo.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 13-14, tradução nossa).⁷ A oração contribuía para sustentar as dimensões relacional, espiritual, reflexiva e orientava para a ação concreta das igrejas no mundo.

É significativo o fato de que um grande número de participantes da assembleia se fazia presente nos momentos de oração no lugar em que elas aconteciam – uma grande tenda montada no parque, com capacidade para abrigar centenas de pessoas. E a possibilidade de participar de ritos litúrgicos em diferentes tradições eclesiais mostrava que para além dos elementos característicos de uma forma de rezar, é o Espírito quem une na prece comum. Assim, as dificuldades do diálogo sobre questões teológicas, as tensões políticas internas às igrejas e ao movimento ecumênico, os desafios para ações de incidência no mundo, podiam ser enfrentados num clima de oração que sustentavam a experiência do amor de Cristo que reconcilia e une.

5.2 O cuidado com a criação

Merece destaque a plenária realizada no *Dia da criação*, 1º de setembro, refletindo como o tema central da assembleia compromete as igrejas no cuidado da criação. A observação dos desígnios de Deus para com o mundo exige das igrejas uma especial atenção para com as

⁷ “[...] leer la Biblia juntos, compartir puntos de vista desde las diferentes experiencias y tradiciones religiosas, y discernir los signos de la gracia de Dios en los textos, en nuestras vidas y en el mundo (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 14).

questões ambientais e ecológicas que hoje se apresentam com particular gravidade. Tal é o desmatamento de cerca de 100 mil quilômetros na Amazônia nos últimos 24 meses; a poluição das águas; o derretimento das camadas polares; o aquecimento global, entre outros. O diálogo ecumênico precisa fortalecer a prática da justiça para com todo ser criado, ciente de que Deus quer reconciliar em Cristo todas as coisas, da terra e do céu (Col 1,19; Ef 1,10). Cuidar da criação é um ato de amor também para com a vida humana, que sofre a gravidade das questões ecológicas. Desse modo, as igrejas buscam celebrar o dom da vida de Deus, ao mesmo tempo em que cuidam das feridas causadas na natureza e nas pessoas. Fundamental é entender que em “um mundo aquebrantado, as igrejas são chamadas por Deus em Cristo e pelo Espírito Santo a proclamar a esperança da reconciliação e unidade para com todos.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 17, tradução nossa).⁸

Além da seção plenária as questões ambientais e ecológicas apareceram com força também nas *conversações ecumênicas*, sobretudo sobre a *Criação e oração comum; Justiça para a criação agora! Ação climática e água para a vida; e Economia de vida em tempos de desigualdade, câmbio climático e a quarta revolução industrial*.

5.3 A guerra na Ucrânia

Outro tema de extrema importância, não sem tensões, nas seções plenárias foi a Europa, apresentando os múltiplos desafios que esse continente enfrenta hoje. E a discussão centrou-se na guerra da Rússia com a Ucrânia, mostrando como isso afeta de forma dramática as nações da região e o mundo todo, com os refugiados da guerra, a crise alimentar, energética e humanitária, bem como suas repercussões para todo o mundo. Por diversas vezes houve um apoio explícito à Ucrânia, com a apresentação dos delegados das igrejas ucranianas na assembleia. Essa solidariedade é compreensível e mesmo necessária. Contudo, durante toda a assembleia em nenhum momento houve a possibilidade de ouvir os delegados da Igreja ortodoxa russa. Esse fato apresenta questionamentos, uma vez que o objetivo das discussões era reconciliação e unidade, não teria razão para deixar de ouvir as duas partes do conflito, mesmo se o posicionamento da assembleia fosse, como se observou, de solidariedade enfática pela parte mais frágil, a Ucrânia.

Assim, a reflexão sobre os conflitos pelos quais a humanidade passa na atualidade, como as guerras e outras formas de violência, o armamento, a crise humanitária e ambiental, as pessoas migrantes e refugiadas em todo o mundo, estiveram presentes em diversos momentos e em diferentes espaços da assembleia do CMI em Karlsruhe. Com isso, as igrejas se oferecem como facilitadoras de um diálogo que promova a reconciliação, a unidade e a paz. Destacam-se

⁸ “[...] un mundo quebrantado, las iglesias están llamadas por Dios en Cristo a través del Espíritu Santo a proclamar la esperanza de la reconciliación y la unidad para todos.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 17).

também aqui as *conversações ecumênicas* que trataram sobre a *Paz justa no Oriente Médio*; os *Enfoques integrais da construção da paz*; e a *Peregrinação pela justiça e paz*.

6 O TEMA CENTRAL: EXIGENTE APRENDIZADO PARA RECONCILIAÇÃO E UNIDADE

Participar da XI assembleia do CMI foi um exercício diário de discernimento do amor de Deus em Cristo por toda a humanidade e toda a criação. As conferências, os estudos, os encontros, as celebrações, tudo contribui para aprofundar o significado do amor de Cristo como força de reconciliação e de unidade. Foi o exercício do discernimento dos desafios que o amor de Cristo apresenta às igrejas para que sejam um efetivo sinal visível de reconciliação e de unidade no mundo. E em meio aos desafios, a assembleia fez de uma afirmação de fé: o amor de Cristo é mais forte do que os sinais de ódio, violência, guerra e injustiça que fragmenta as relações entre pessoas, povos, culturas e religiões. Cristo, com seu amor, transforma essas realidades num mundo de paz, reconciliação e comunhão. As igrejas afirmaram juntas que o Espírito de Cristo é mais forte do que qualquer outro projeto ou ação humana, e onde ele atua, então a paz, a reconciliação e a unidade são possíveis. Assim, neste “mundo fragmentado e fraturado, o tema da assembleia constitui uma afirmação de fé de que o amor de Cristo transforma o mundo através do poder doador de vida do Espírito Santo.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 5, tradução nossa).⁹

Ao mesmo tempo, as igrejas sentiram-se convocadas por Cristo a serem no mundo caminhos de reconciliação e unidade. Precisam atuar com ele para a superação dos poderes de destruição e de divisão. Por isso, a reconciliação e a unidade na fé cristã é um sinal profético no mundo. Dois caminhos são fundamentais para isso, a saber: a reconciliação das culturas e o diálogo inter-religioso como condição e expressão da reconciliação.

6.1 A reconciliação das culturas

O tema da assembleia mostrou-se, então, altamente relevante, pertinente, atual e necessário. As sociedades atuais sofrem com diversos fatores que as fragmentam e dificultam o encontro, o diálogo e a cooperação entre as diferentes culturas, economias, sistemas políticos e credos. De um lado, tendências ideológicas e de poder sociopolítico e econômico buscam impor padrões de vida que pretendem se afirmar hegemonicamente. A globalização cultural e econômica nega as diferenças e impõe o uniformismo, causando rupturas com processos históricos dos povos. De outro lado, tendências culturais e filosóficas do nosso tempo afirmam a perspectiva do relativismo que também fragiliza o valor da especificidade das culturas locais. Assim temos, de um lado, tendências de assimilação cultural e política. De outro lado,

⁹ “[...] mundo fragmentado y fracturado, el tema de la Asamblea constituye una afirmación de fe de que el amor de Cristo transforma el mundo a través del poder dador de vida del Espíritu Santo.” (CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS, 2022, p. 5).

tendências de relativização. Nenhuma dessas posturas favorece a compreensão das diferenças identitárias das pessoas e dos povos, nem a “cultura do encontro” que sustenta a fraternidade humana universal (FT 30).

O documento da Congregação para a Educação Católica, *Educando para um diálogo intercultural nas escolas católicas: vivendo em harmonia para uma civilização do amor*, publicado em 2013, propõe a superação das duas perspectivas acima, assimilação e relativização, tendo como ponto de partida a valorização da identidade cultural de cada pessoa e de cada povo. É a diversidade, devidamente assumida, que enriquece o encontro das sociedades e possibilita a reconciliação e a unidade.

Deste ponto de vista, a diversidade deixa de ser vista como um problema. Em vez disso, uma comunidade caracterizada pelo pluralismo é vista como um recurso, uma chance de abrir todo o sistema para todas as diferenças de origem, relações entre homens e mulheres, status social e história educacional (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 27).

Isso mostra que é possível, então, um mútuo reconhecimento das diferenças como base do diálogo reconciliador. E isso exige superar tendências de uniformização quanto de relativização (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 29). Exige, também, entender cada pessoa em seu contexto sociocultural e religioso, no qual desenvolve estilos de vida, hábitos, visão de mundo, sentido da realidade. Não valorizar o específico de um povo é não reconhecê-lo em sua identidade própria. É ferir a dignidade da pessoa que se expressa por suas peculiaridades. E dessas, a cultura merece uma atenção especial, pois a “cultura indica todos esses meios pelos quais ‘o homem desenvolve e aperfeiçoa suas muitas qualidades corporais e espirituais’” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 31). A cultura de um povo é patrimônio para toda a humanidade. E quando cada povo se relaciona com outros, expressa a comunhão entre eles. Assim, o que é próprio de um povo não o separa de outro, mas apresenta-se como oferta para o enriquecimento mútuo. Então, “a diversidade cultural deve, portanto, ser entendida dentro do horizonte mais amplo da unidade da raça humana” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 32). Isso porque em cada cultura existe uma abertura horizontal, que possibilita encontro, diálogo, interação com outras.

Mas é preciso ir além da horizontalidade. Existe também uma abertura vertical em cada cultura, pelo que verificamos um vínculo entre fé e cultura. O cristianismo tem isso bem presente. A fé cristã é essencialmente intercultural, aberta à universalidade com potencial de gerar coexistência e fraternidade entre as diferenças. O desafio é fazer com que a proposta cristã se realize nessa direção, e não como tentativa de assimilação do outro. A fé cristã deve fortalecer os esforços por reconciliação e unidade mostrando que há uma interdependência entre os povos e que as relações interculturais contribuem para a fraternidade universal. E isso propõe um novo estilo de globalização, da solidariedade e fraternidade, com a “inclusão de indivíduos e povos na única família humana, fundada na solidariedade e nos valores fundamentais da justiça

e da paz” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 37). Não há verdadeiro desenvolvimento sem o “reconhecimento de que a raça humana é uma única família trabalhando em conjunto na verdadeira comunhão, não simplesmente um grupo de sujeitos que vivem lado a lado” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 38). Enfim, na base das relações interculturais estão as pessoas. São essas que se encontram, primeiramente, buscando superar toda estranheza que impede o mútuo reconhecimento como irmãos(ãs). No encontro entre pessoas é que acontece o encontro das culturas, de modo que a pessoa é o valor primeiro e fundamental a ser reconhecido no diálogo intercultural. É à pessoa humana que o diálogo intercultural se apresenta como serviço.

6.2 O diálogo inter-religioso como condição e expressão da reconciliação

Nunca como em nosso tempo o *fator pluralidade* se tornou tão intenso e tão visível no âmbito religioso. A religião ocupa espaço na literatura, na arte, na ciência, no esporte, não há um só lugar ou dimensão da vida humana que não tenha alguma forma de expressão religiosa. A vitalidade humana é, em última instância, equivalente à sua expressão de fé. Esse fato descarta, de vez, a tese do fim da religião com o progresso sociocultural da humanidade, como propunham alguns estudos que associavam secularização e ateísmo (COMTE-SPONVILLE, 2006; CORBÍ, 2007). Temos hoje tanto uma afirmação do sagrado em múltiplas e novas concepções, como a sobrevivência das religiões tradicionais, não obstante as dificuldades que encontram para isso. Isso não significa apenas “retorno ao/do sagrado” ou uma “revanche de Deus” (KEPEL, 1991) contra as afirmações de sua morte (Nietzsche, Marx, Freud, entre outros), mas algo próprio da dinâmica da história humana, que sempre foi religiosa.

Assim, constata-se que o panorama religioso atual, multifacetado, fragmentado e mutante, configura-se por comunidades religiosas autônomas e independentes, que abrem fronteiras no interior das instituições religiosas estabelecidas; por novas religiosidades desinstitucionalizadas; e por religiões arraigadas em suas instituições tradicionais. E, infelizmente, existem estruturas e doutrinas que separam, dividem, geram violência, propagando fundamentalismos e intolerância religiosa.

A existência da pluralidade religiosa não é um problema. Aliás, enriquece a oferta de sentido para pessoas crentes, como afirma Riobaldo, personagem do romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, sobre religião: “uma só, para mim é pouca” (ROSA, 2001, p. 32). O problema está no desencontro das religiões no espaço público, das tensões e conflitos que geram no meio social. Isso porque poucas lideranças religiosas estão disponíveis ao diálogo e à cooperação. E então, as tendências de assimilação e relativização que acontece entre as culturas, se manifestam também no comportamento das religiões. Também elas buscam afirmar-se de modo hegemônico no meio onde estão. Em nosso mundo, mesmo nas sociedades secularizadas no século XXI, ainda não estão assegurados os princípios da autonomia entre cultura e religião, o direito à existência e à liberdade desses âmbitos. Em muitos países uma equivocada relação

entre religião e política sustenta teocracias que ideologizam a religião para favorecer interesses alheios à fé das pessoas. Isso acentua as tensões e os conflitos entre as manifestações de fé e crenças, dificultando a convivência pacífica, o diálogo e a cooperação inter-religiosa. Fato que incide no meio social, fragmentando-o ainda mais, como o demonstram os confessionalismos fechados, exclusivistas e antidialógicos.

Portanto, o tema central da XI assembleia do CMI pode ser um impulso para o diálogo e a reconciliação também entre os credos. Pode ajudar as diferentes tradições religiosas no discernimento de causas comuns que as une a favor da justiça e da paz no mundo. Cada religião congrega pessoas, forma convicções, oferece sentido à realidade, mas precisam aprender que não tem necessidade de fazer isso, se opondo a outra religião. As religiões podem convergir para a promoção da vida, a justiça social, o cuidado da casa comum. Elas são interpeladas a usar o potencial que têm de transformar visões de mundo e modelar comportamentos, para gerar atitudes de encontro, diálogo e cooperação. Para isso, precisam compreender o valor da pluralidade. Se queremos compreender a verdade das religiões, não é possível negar as especificidades das diferentes tradições ou correntes religiosas. Também não se pode integrá-las num mínimo denominador comum. No cristianismo, por exemplo, isso em nada ajudaria para encurtar as distâncias entre católicos, protestantes e ortodoxos. Essa pluralidade tensiona e gera conflitos, mas também apresenta possibilidades para o encontro, o intercâmbio, o enriquecimento mútuo. O fato é que a natureza inesgotável do Mistério é o que torna impossível uma única forma de expressá-lo, mesmo no interior de um sistema religioso.

CONCLUSÃO

A XI assembleia do CMI é uma grande oportunidade para estreitar relações de compromisso por unidade e reconciliação entre as igrejas, tornando-as instrumentos de unidade e reconciliação entre os povos, suas culturas e seus credos. O mundo clama por paz, justiça, comunhão. Fundamentar isso no amor de Cristo é um ato de coerência das igrejas, mostrando a forma como creem na manifestação do amor de Deus ao mundo. Acreditando que “Deus é amor” (1Jo 4,16), as igrejas partilham desse amor formando o único corpo de Cristo (Ef 1,22-23) e testemunham esse amor no mundo.

Trata-se, então, de um ato de fé em Deus, e também de acreditar no futuro da Igreja e do mundo. Num mundo no qual muitas pessoas perdem a confiança em seus governos e nos fóruns internacionais de cooperação, urge recuperar a esperança no futuro. E isso é feito dando visibilidade aos sinais, ainda se pequenos, de reconciliação e de unidade, como também dando possibilidades para que novos sinais sejam visibilizados. O mundo necessita de sinais de solidariedade, fraternidade, reconciliação e unidade. A XI assembleia do CMI é um desses sinais, proféticos e convincentes. ✨

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Unitatis redintegratio: sobre o ecumenismo. **Santa Sé**, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acesso em: 12 set. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educando para um diálogo intercultural nas escolas católicas: vivendo em harmonia para uma civilização do amor. **Santa Sé**, 19 dez. 2013. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20131028_dialogo-interculturale_sp.html. Acesso em: 12 set. 2022.

COMTE-SPONVILLE, André. **El alma del ateísmo**: introducción a una espiritualidad sin Dios. Barcelona: Paidós, 2006.

CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. **Libro de recursos**. Ginebra, 2022. Disponível em: https://www.oikoumene.org/sites/default/files/2022-08/AssemblyResourceBook_Sp_Web.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

CORBÍ, Marià. **Hacia una espiritualidad laica**: sin creencias, sin religiones, sin dioses. Barcelona: Herder, 2007.

ESTADÃO CONTEÚDO. Mais de 1 milhão de pessoas morreram de COVID neste ano em todo o mundo, diz OMS. **CNN Brasil**, 25 ago. 2022. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mais-de-1-milhao-de-pessoas-morreram-de-covid-neste-ano-em-todo-o-mundo-diz-oms/>. Acesso em: 12 set. 2022.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus**. São Paulo: Siciliano, 1991.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. Organizational structure. **World Council of Churches**, 8 Sep. 2022a. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/about-the-wcc/organizational-structure>. Acesso em: 12 set. 2022.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. Self-understanding and vision. **World Council of Churches**, 8 Sep. 2022b. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/about-the-wcc/self-understanding-and-vision>. Acesso em: 12 set. 2022.

Recebido em: 20/09/2022.

Aceito em: 09/11/2022.